

OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS): CAMINHO PARA A DIGNIDADE ATÉ 2030

Dom Murilo S.R. Krieger, scj
Arcebispo de São Salvador da Bahia
Primaz do Brasil - Vice-Presidente da CNBB
Belo Horizonte, 30/09 a 02/10 de 2015
XXV Congresso Mundial UNIAPAC
10º Seminário Internacional de Sustentabilidade

Introdução

Em seu livro “Terra dos Homens”, Saint-Exupéry ressalta a falta de educadores para a humanidade. Segundo esse autor francês, temos necessidade de pessoas que façam desabrochar as potencialidades que há no coração de cada ser humano e que fizeram de um Mozart um compositor de alcance universal. Se ninguém tivesse despertado nele a sensibilidade musical, quanto a humanidade teria perdido!

“Há alguns anos, durante uma longa viagem de estrada de ferro, resolvi visitar aquela pátria em marcha em que ficaria por três dias, prisioneiro (...). Pela uma hora da madrugada corri os carros, de ponta a ponta. Os dormitórios estavam vazios. Os carros de primeira classe estavam vazios. Mas os carros de terceira estavam cheios de centenas de operários (...). Caminhei pelo centro do carro levantando as pernas para não tocar nos corpos adormecidos. Parei para olhar. (...) Sento-me diante de um casal. Entre o homem e a mulher a criança, bem ou mal, havia-se alojado, e dormia. Volta-se, porém, no sono, e seu rosto me aparece sob a luz da lâmpada. Ah, que lindo rosto! Havia nascido daquele casal uma espécie de fruto dourado. (...) Inclinei-me sobre a fronte lisa, a pequena boca ingênua. E disse comigo mesmo: eis a face de um músico, eis Mozart criança, eis uma bela promessa da vida. Não são diferentes dele os belos príncipes das lendas. Protegido, educado, cultivado, que não seria ele? Quando, por mutação, nasce nos jardins uma rosa nova, os jardineiros se alvoroçam. A rosa é isolada, é cultivada, é favorecida. Mas não há jardineiros para os homens. Mozart criança irá para a estranha máquina de entortar homens. Mozart fará suas alegrias mais altas da música podre na sujeira dos cafés-concerto. Mozart está condenado. (...) O que me atormenta, as sopas populares não remedeiam. O que me atormenta não são essas faces escavadas nem essas feiuras. É Mozart assassinado, um pouco, em cada um desses homens. Só o Espírito, soprando sobre a argila, pode criar o Homem.”¹

¹ SAINT-EXUPÉRY, Antoine. *Terra dos Homens*. Rio de Janeiro – RJ: Editora Nova Fronteira, 38ª impressão, 1986, pp.164-167.

Não estaríamos atualmente necessitando de novos educadores, capazes de “cultivar” as crianças, os jovens e os adultos? Por causa dessa falta, a humanidade não estaria perdendo um imenso número de “Mozarts”?...

Do ponto de vista humano, a ausência desses educadores traz sérias consequências – na verdade: perdas! - para a sociedade. Na perspectiva da fé, o drama é maior. O Pai eterno tem um plano de amor para nós, seus filhos e filhas: quer ver-nos participando de sua vida divina. Tendo nos criado para si, sabe que não nos realizaremos, se o excluirmos de nossa vida. Foi o que constatou Santo Agostinho († 430): “Fizeste-nos para ti, Senhor, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti” (Confissões, I,1.1).

Foi nessa linha que Jesus Cristo educou seus seguidores. Deixou-lhes claro, de muitas maneiras, que a vocação de todos é o amor, isto é, o dom de si ao Pai e aos irmãos. Ao voltar para o céu, passou essa missão para seus discípulos. Deveriam formar outros que, por sua vez, seriam também educadores da fé. Não se tratava mais de salvar “Mozarts”: os filhos de Deus é que deveriam ser formados. Somente assim poderiam ocupar o lugar que lhes fora preparado no banquete do Reino.

Para que tenhamos clareza sobre como educar os "Mozarts" que encontrarmos, apresento duas contribuições: a primeira é da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB; a segunda, do Papa Francisco.

1. A CNBB e suas Diretrizes

Pouco depois de ter sido fundada (1952), a CNBB percebeu a necessidade de dar unidade à ação pastoral de todas as dioceses brasileiras. Esse parecia ser um ideal distante e inatingível, dada a diferença que há entre elas. O que poderia unir dioceses como Belo Horizonte - MG e Coari - AM? Salvador - BA e Uruguaiana - RS? Brasília - DF e Maringá - PR? O que as une é o desejo de oferecerem uma resposta adequada à ordem de Jesus: *"Ide, fazei discípulos entre todas as nações"* (Mt 28,19).

A fim de fazer esses discípulos, a CNBB aprova Diretrizes, elaboradas a partir de um objetivo geral. Para o quadriênio 2015-2019, o objetivo geral da ação evangelizadora da Igreja no Brasil é "EVANGELIZAR, a partir de Jesus Cristo, na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária, profética e misericordiosa, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo".

A Igreja no Brasil deseja, pois, anunciar a salvação, grande dom de Deus; anunciar a libertação de tudo o que oprime o ser humano - particularmente, o pecado; anunciar a possibilidade da transformação do mundo, pela conversão e fidelidade daqueles que aceitam o Reino de Deus e nele entram.

O anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo deve partir da realidade de nosso país, que vive um momento de transformações profundas. Mais do que uma "época de mudanças", assistimos a uma "mudança de época".

Nosso tempo é marcado por avanços e conquistas no mundo das ciências e das técnicas; no campo da promoção da mulher; na valorização de minorias étnicas; no destaque à justiça, à paz e à ecologia; na consciência da importância dos movimentos sociais e dos direitos à educação e à saúde; nas iniciativas para a superação da miséria e da fome etc.

Estamos vivendo uma mudança de época dadas as profundas transformações que ocorrem em nosso país - por exemplo, a ausência de referências sólidas; o excesso de informações; a superficialidade; o desejo, a qualquer custo, de conforto e facilidades; o surgimento ou agravamento de tendências desafiadoras como o individualismo, o fundamentalismo e o relativismo etc. Como há uma hegemonia da economia, vivemos uma crise antropológica: a pessoa humana é reduzida às suas necessidades, ao seu consumo.

Em que direção, pois, dirigir nossos esforços? Na Assembleia Geral de abril deste ano, em Aparecida, a CNBB destacou cinco urgências na evangelização - isto é, cinco indicações para a vivência e a transmissão da fé:

1ª: Igreja em estado permanente de missão. A Igreja é missionária por natureza. Hoje vivemos a experiência cristã, porque alguém a partilhou conosco. Nosso espírito missionário se fundamenta na convicção de que, quando a humanidade se distancia do Evangelho e, portanto, do Reino de Deus, deixa de se enriquecer com o encontro com Jesus Cristo e crescem as formas de desrespeito e destruição da vida.

2ª: Igreja: casa da iniciação da vida cristã. Não podemos mais pressupor que as pessoas conheçam Jesus Cristo; há necessidade de uma iniciação à vida cristã. É preciso ajudar as pessoas a fascinarem-se por Jesus Cristo, a optarem por ele e a segui-lo.

3ª: Igreja: lugar de animação bíblica. É necessário incentivar o contato pessoal e comunitário com a Palavra de Deus, pois ela é um lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo; é um meio de escutar a voz de Cristo em meio a tantas outras vozes.

4ª: Igreja: comunidade de comunidades. O discípulo missionário de Jesus Cristo vive sua fé em comunidade. Sem vida em comunidade, não há como viver a proposta cristã. Comunidade implica convívio, vínculos profundos, afetividade, interesses comuns, estabilidade e solidariedade nos sonhos, nas alegrias e nas dores.

5ª: Igreja a serviço da vida plena para todos. A vida é dom de Deus. Os discípulos de Jesus devem, pois, estar a serviço da vida, não ficando indiferentes quando diante de vidas ameaçadas; buscam promover a cultura da vida. No rosto dos que sofrem, o discípulo missionário enxerga o rosto de seu Senhor; por isso, não se cala diante de qualquer desrespeito à vida, inclusive diante da que está no ventre materno.

Para oferecer uma resposta a essa quinta urgência, é particularmente necessária a atuação dos leigos e das leigas no mundo da política, nos movimentos sociais, nos conselhos de políticas públicas, nas associações de moradores, em sindicatos e em outras entidades, sempre

iluminados pelo Ensino Social da Igreja. Conscientes de que a criação é um dom, uma dádiva maravilhosa de Deus para todos os seus filhos, e não uma propriedade que cada qual pode manipular a seu bel-prazer, esses leigos e leigas percebem a necessidade de crescer na consciência ecológica e fazer com que, na esfera pública, a criação seja respeitada.

Nesse desafio, a ação pastoral da Igreja foi recentemente iluminada pelas sábias reflexões e orientações do Papa Francisco, em sua carta encíclica *Laudato si'* (24.05.2015).

2. O Papa Francisco e a encíclica *Laudato si'*

Uma encíclica é uma carta pastoral que o Papa envia aos Bispos e a todos os fiéis, isto é, à Igreja do mundo inteiro. Apresenta argumentos de caráter doutrinal, ou que dizem respeito à fé e aos costumes.

Essa encíclica do Papa Francisco, inspirada no "Cântico das Criaturas" (1224), de São Francisco de Assis, apresenta um forte conteúdo profético. Ela resgata uma postura verdadeiramente cristã na relação entre o ser humano e o meio ambiente, navegando com destemor através das correntes que se apoderaram do discurso ambiental para promover suas próprias causas panteístas, marxistas ou anti-humanistas. O Papa esclarece, denuncia e propõe, sempre com coragem, aquilo que deve ser a postura de um verdadeiro cristão frente ao desequilíbrio ambiental em que vivemos. "Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai nos suceder, às crianças que estão a crescer?" (160). Para que viemos a esta vida? Para que trabalhamos e lutamos? Que necessidade tem de nós esta terra?

Dentre as orientações práticas de *Laudato si'*, destaco as seguintes:

2.1 Conversão ecológica: "Esta nossa 'casa' está sendo arruinada e isso prejudica a todos, especialmente os mais pobres. Portanto, o meu apelo é à responsabilidade, com base na tarefa que Deus deu ao ser humano na criação: 'cultivar e preservar' o 'jardim' em que ele o colocou" (Papa Francisco, 17.06.15).

2.2 Gases: A luta para a redução de gases com efeito estufa requer honestidade, coragem e responsabilidade, sobretudo dos países mais poderosos e mais poluentes (n. 169).

2.3 Transferência de tecnologias para os Países pobres: O aproveitamento direto da energia solar, tão abundante, exige que se estabeleçam mecanismos e subsídios tais que os países em vias de desenvolvimento possam ter acesso à transferência de tecnologias, assistência técnica e recursos financeiros (n. 172).

2.4 Acordo internacional sobre os oceanos: O problema crescente da presença de resíduos marinhos e a necessidade de proteção das áreas marinhas para além das fronteiras nacionais continua a representar um desafio especial (n. 174).

2.5 Cooperativas para a exploração de energias renováveis: Em alguns lugares nasceram cooperativas para a exploração de energias renováveis, que consentem o autoabastecimento local e até mesmo a venda da produção em excesso. Esse exemplo simples

indica que, enquanto a ordem mundial existente se revela impotente para assumir responsabilidades, a instância local pode fazer a diferença (n. 179).

2.6 Pressão da população: Dado que os direitos básicos do ser humano, por vezes, se mostram insuficientes devido à corrupção, requer-se uma decisão política, sob pressão da população. A sociedade, através de organismos não governamentais e de associações intermédias, deve forçar os governos a desenvolverem normativas, procedimentos e controles rigorosos em defesa daqueles direitos. Se os cidadãos não controlarem o poder político - nacional, regional e municipal -, não será possível combater os danos ambientais (n. 179).

2.7 Economia energética: Favorecer modalidades de produção industrial com a máxima eficiência energética e a menor utilização de matérias-primas, retirando do mercado produtos pouco eficazes, do ponto de vista energético, ou mais poluentes (n. 180).

2.8 Medidas para a agricultura: Programação de uma agricultura diversificada, com a rotação de culturas. É possível favorecer a melhoria agrícola de regiões pobres, através de investimentos em infraestruturas rurais, na organização do mercado local ou nacional, em sistemas de irrigação, no desenvolvimento de técnicas agrícolas sustentáveis. Podem-se facilitar formas de cooperação ou de organização comunitária que defendam os interesses dos pequenos produtores e salvaguardem os ecossistemas locais (n. 180).

2.9 Aceitar o decréscimo: Se em alguns casos o desenvolvimento sustentável implicará novas modalidades para crescer, em outros casos - face ao crescimento ganancioso e irresponsável que se verificou ao longo de muitas décadas - deve-se pensar também em abrandar um pouco a marcha desenvolvimentista, pôr-lhe alguns limites razoáveis e até mesmo retroceder, antes que seja tarde. Chegou a hora de se aceitar um certo decréscimo do consumo, em algumas partes do mundo, fornecendo recursos para que haja crescimento de forma saudável em outras partes (n. 193).

2.10 Não aos meios-termos: Não é suficiente conciliar o cuidado da natureza com o ganho financeiro, ou a preservação do meio ambiente com o progresso. Nesse campo, os meios-termos são apenas um pequeno adiamento do colapso; trata-se simplesmente de se redefinir o progresso. Um desenvolvimento tecnológico e econômico que não deixa um mundo melhor e uma qualidade de vida superior não pode ser considerado um progresso (n. 194).

2.11 Responsabilidade social dos consumidores: Comprar é sempre um ato moral. Uma mudança nos estilos de vida de cada um poderia exercer uma pressão salutar sobre quantos detêm o poder político, econômico e social. Verifica-se isso quando os movimentos de consumidores conseguem que se deixe de adquirir determinados produtos e, assim, se tornam eficazes na mudança do comportamento das empresas, forçando-as a reconsiderar o impacto ambiental e os modelos de produção (n. 206).

2.12 Mudança de estilo de vida. É necessária uma mudança de estilo de vida: "Muitas coisas devem reajustar o próprio rumo, mas antes de tudo é a humanidade que precisa mudar". Como? Educando-se à "consciência de uma origem comum, de uma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida" (n. 202). Há pequenos gestos ordinários que podem ser

cumpridos por todos: "Evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias» e assim por diante... Tudo isto faz parte de uma criatividade generosa (...), que mostra o melhor do ser humano" (n. 211).

2.13 Educação na escola e na família: Vários são os âmbitos educativos do indivíduo: a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese etc. Uma boa educação escolar em tenra idade propicia sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida. É preciso salientar a importância central da família, porque "é o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico. Contra a denominada cultura da morte, a família constitui a sede da cultura da vida" (n. 213).

2.14 Respeitar a natureza humana: O homem possui uma natureza, que deve respeitar; não pode manipulá-la como lhe apetece. A aceitação do próprio corpo como dom de Deus é necessária para acolher e aceitar o mundo inteiro como dom do Pai e casa comum. Aprender a aceitar o próprio corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados é essencial para uma verdadeira ecologia humana. Também é necessário ter apreço pelo próprio corpo na sua feminilidade ou masculinidade, para se poder reconhecer a si mesmo no encontro com o outro que é diferente. Não é salutar um comportamento que pretenda "cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela" (n. 155).

2.15 Aprender a sobriedade: A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida (...); é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de sair à procura do que não têm e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa; aprendem a se familiarizar com as coisas mais simples e sabem se alegrar com elas (n. 223).

2.16 Agradecer antes e depois das refeições: Uma expressão de maturidade humana é a capacidade de agradecer a Deus antes e depois das refeições. Retomemos, pois, esse hábito importante. O momento da bênção da mesa, embora breve, nos recorda que a nossa vida depende de Deus, fortalece o nosso sentido de gratidão pelos dons da criação, dá graças por aqueles que, com o seu trabalho, fornecem esses bens e reforça a solidariedade com os mais necessitados (n. 227).

Conclusão

Em decorrência de nossa fé, temos um longo trabalho pela frente - um trabalho que necessita da cooperação de cada um de nós. Vale a pena dedicarmos o melhor de nossos esforços na construção de um mundo em que todos os "Mozarts" tenham condições de viver com dignidade e possam ver desabrochadas todas as suas potencialidades. Nisso Deus é glorificado.